



**ELISABETE NASCIMENTO**

---

# ELISABETE NASCIMENTO

DIZER ELISABETE NASCIMENTO  
É FAZER DA PALAVRA GOZARES  
MÚLTIPLOS

Naduska Mário Palmeira

Doutora em literaturas africanas escritas em língua portuguesa pela UFRJ. É membra do GP Escritas do Corpo Feminino, da Letras da mesma univ. Professora da universidade de Cabo Verde (UniCV), atua livremente como ensaísta e ouvinte de vozes femininas africanas e afro-brasileiras.

**T**er no nome o constante (re)nascer não é um acaso: O nascimento de Elisabete é, também, multiplicidade. Nascer do chão do verbo, do útero da voz, da vagina úmida do gozo, em sucessiva renovação e em rios correntes do corpo desejan- te.

Falar de Elisabete é ouvir a sua voz-rugido de leoa prenhe, da luta pela sobrevivência do corpo preto, do corpo da mulher preta, do corpo caminhante da periferia fluminense, das vozes que ecoam, em sua palavra, o espaço em que suas curvas performatizam seu nome secreto.

Porque Elisabete é mulher Deusa, é filha de Ancestrais poderosos, é fio d'água da África que desaguou no Brasil e se fez fogo. Preta-Deusa, potente pensante, sem máscara de flandres, sem cinto de castidade. Deusa incasta, Preta subversiva. E a sua palavra de poeta e de filósofa, de cânticos e de fé é mais que a concretude da marca na pedra, que não se apaga, que as

---



arrebentações do mar, águas da Mãe Yemanjá, não fazem desaparecer no tempo que elas reluzem.

Elisabete ensina mulheres ao seu redor a perceberem as entranhas de suas casas-corpos, faz de cada uma um ponto de axé, de escuta atenta, de fala consistente e de luta.

Por mais que eu tente, diante da força do seu rosto, da fera que habita seu corpo dócil e indócil, por mais que eu procure imagens para escrever Elisabete Nascimento, a fera foge, vai rugir, uivar nos cantos do mundo, nos centros do mundo: Pulsante. Será esta a palavra? Haverá palavra para descrever a força dos ventos de Iansã?

*Andante.* Quem é essa mulher, afinal? Elisabete Nascimento é mulher, poeta, Deusa de São João do Meriti, Baixada Fluminense.

De seu centro de fala, tece seus versos e seus ensaios, desenha a liberdade com as formas de seu corpo e voa.

“Não há periferia se eu falo daqui, do meu centro, São João do Meriti”. Sim, é do espaço que tenta ser invisibilizado pelos centros do poder da branquitude que emerge a voz da escritora. É na cultura de terreiro, sob o signo de Exu, de pretos velhos, de mães de santo que Elisabete se fez e em que ela busca-encontra sua emancipação e alimenta seu Ori e seu corpo desejanse.

É do sagrado, e também do templo sagrado do corpo, de Eros, que ela fala – e aqui tudo se mescla no tecido de belezas que a poeta molda cotidianamente. Trata-se de uma mulher que conhece os espaços de seu próprio corpo, a curva do santo, o fundo do erótico. Elisabete sabe quem deseja ou está autorizado ou autorizada a tocar em seu corpo sacrossanto-pagão. E quer muito, muito, pois sabe que pode: a subversão que ela faz é quase um ato sexual, ato que o corpo não tensiona pedir menos de quem ousa ali chegar: gozares, múltiplos, infinitos.

Talvez a palavra seja uma forma de gozar despudoradamente – a quem serve, afinal, o pudor? Posso garantir que não a ela. Servem ao despudor sujeitos e sujeitas que não se sujeitam e se curvam diante da beleza com que Bete faz amor e sexo com as palavras: o amor, contido na sua escolha de vida, no chamamento à palavra poética; sexo exposto com seus dedos, ainda molhados, no papel que a espera para sublimar o orgasmo.

Sem máscara de flandres (título de uma de suas obras poéticas), Elisabete Nascimento entra na minha vida como um tsunami, tal como bem disse

alguém que a entrevistou. E se digo “entra”, é porque ela não para de fazer do meu corpo um espaço nu de Yemanjá, de Exu. Um espaço livre, com palavras despudoradas; corpo inteiro, sem castração ou medo do prazer.

Se posso homenagear Elisabete, tenho que, antes, agradecê-la por fazê-lo, pois há um significado imenso aqui: a poeta-ventania está nos meus ouvidos, na minha boca e pelas minhas mãos saem uma coragem que, agora minha, dela partiu.

Em dedicatória-resposta à Gayatry Spivak, na obra *Máscara de flandres*:

A voz da poetisa diz:

Sempre falou. O subalternizado. E expressou. Assim como eu, a fome de me amar, a fome de Myanmar e também Carolina Maria de Jesus, o Bispo do Rosário, João Candido e muitas vozes mais ...

Mas qual o valor social dessa fala?

Somente o teu ato político, caro leitor, pode expressar leiturivivências destes meus escritos.

Tive, há pouco, a alegria de ver o livro a que se refere Elisabete traduzido como *Pode a subalterna falar? (Can the subaltern speak?)*, numa atitude vibrante e firme de colocar a mulher nesse lugar da violência, abaixo, ainda, de mulheres brancas. E, se falamos em homenagem, é preciso homenagear esse corpo que nasceu sob anos duros. Mais do que falar, abro-me para que ela fale:

*Queres dizer, o que devo dizer depois de calar-me à custa de flandres?*

Sou Elisabete Nascimento, nasci sob o signo da violência nos anos de chumbo. Antes de aprender a ler e a escrever, o Brasil decretou o ato institucional que interditou o discurso na esfera pública em 1968, o AI5.

Neste contexto, eu fui ensinada a só falar e a escrever o que era permitido. Eu estive submetida a uma espécie de “máscara de flandres” assim como foram, literalmente, silenciados os escravizados.

Muito provavelmente, esta “conjuntura” de violência e de silenciamento forçado contribuiu fortemente para impor a subalternidade, mas a resistência é uma das expressões da Literatura e esta tem sido determinante para a minha urdidura.

Quanto a mim, resta-me agradecer ao nosso povo Ancestral pela existência de Elisabete Nascimento, pela retirada feroz da máscara de flandres, pelo seu corpo feminino político e sem pudor. Axé, Bete. Tudo é pouco pra dizer você.



## IMAGENS

1. Imagem de Elisabete Nascimento – Acervo da homenageada